

Então eles se abraçaram emocionados.

O ambulatório abriu em janeiro de 1976, aos sábados, servindo à população desprovida de serviços médicos.

Eram médicos e estudantes certos de que estavam fazendo a diferença, levando carinho e um pouco de Medicina – nessa ordem.

Este livro conta, com ricos detalhes, a saga dessas pessoas sobre as quais dom Angélico Sândalo Bernardino, que os acompanhou desde o início, disse: “a seu respeito, posso afirmar, como Bertold Brecht: ‘Há homens que lutam um dia e são bons. Há homens que lutam um ano e são melhores. Há homens que lutam muitos anos e são muito bons; porém, há homens que lutam a vida inteira e estes são os imprescindíveis’.”



Em 1972, na cela 6 do antigo Dops, hoje o Memorial da Resistência, entre doze presos políticos de posições conflitantes, um operário e um estudante de Medicina tiveram longas conversas, e o operário falou do bairro Cangaíba, na Zona Leste de São Paulo, depois da Penha; da igreja Bom Jesus do Cangaíba e do trabalho dos padres João, Rogério, Cláudio e Marcelo; dos cursos; do clube de mães – e lembrou, ainda, a necessidade de atendimento médico para a população carente.

Um dia, pouco antes de serem soltos, no meio de uma discussão ideológica, o operário aproximou-se do estudante e insistiu: “Nunca esqueça do que nós combinamos. Assim que vocês se formarem, vão me procurar em Cangaíba para começar a atender o povo”.

Os médicos de Cangaíba - Viver é gostar de gente

Judith Patarra  
Organizadora

# Os médicos de Cangaíba



*Viver é gostar de gente*

2ª edição

Em 1976, doze jovens, entre médicos e estudantes de Medicina, dividiram-se entre os carros que tinham, compraram frangos assados em uma padaria, e seguiram rumo à casa do operário – que alguns deles haviam conhecido no Dops –, pela avenida estreita, ladeada de terrenos vazios, no caminho do Vale do Tiquatira, com o propósito de iniciar o projeto de fundar núcleos de saúde e mobilização popular.

Tão logo o operário abriu a porta, o estudante que com ele dividira a cela 6 e os sonhos de mudar o País lhe disse, como se retomasse o diálogo de quatro anos atrás: “Você falou pra gente não esquecer do combinado. Não esquecemos e aqui estamos, uns doze, com frangos assados para todos. Viemos para atender o povo de Cangaíba.”